

CEP – CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS

2ª Semestre de 2015.

Ciclo III

Aula- quinta-feira de manhã

Aluna: Tânia Nigri

Título: **CIRCUNCISÃO E COMPLEXO DE CASTRAÇÃO**

Esta é a minha aliança com você e com os seus descendentes, aliança que terá que ser guardada: Todos os do sexo masculino entre vocês serão circuncidados na carne.

Terão que fazer essa marca, que será o sinal da aliança entre mim e vocês.

Da sua geração em diante, todo menino de oito dias de idade entre vocês terá que ser circuncidado, tanto os nascidos em sua casa quanto os que forem comprados de estrangeiros e que não forem descendentes de vocês.

Sejam nascidos em sua casa, sejam comprados, terão que ser circuncidados. Minha aliança, marcada no corpo de vocês, será uma aliança perpétua.

Qualquer do sexo masculino que for incircunciso, que não tiver sido circuncidado, será eliminado do meio do seu povo; quebrou a minha aliança".

Gênesis

O pai da Psicanálise, *Sigismund Schlomo Freud*¹, nasceu em 1856, na Morávia, à época parte do Império Austro-Húngaro. Seus pais eram judeus, oriundos de uma pequena cidade na Galícia Oriental², onde a comunidade era numerosa e bastante fechada, passando grande parte do tempo dedicada a estudar as leis judaicas e o Talmude. O ídiche³ era a principal forma de comunicação entre os membros do *Shtetl*, sendo o dialeto, adicionado à rígida dieta alimentar e os 613 mandamentos, fortes instrumentos a evitar a assimilação daquela comunidade.

Não obstante a inserção de Freud e sua família naquele espaço físico e cultural, a profissão de Jakob, pai de Freud, que era mercador, fez com que ele viajasse muito, introduzindo-o em outras culturas e formas de pensamento, o que acabou por modificá-lo e à sua família, que mantinha o firme sentimento de pertencer ao povo judeu, mas não mantinha as práticas ortodoxas da religião, perpetuando apenas os rituais mais tradicionais, como algumas festas sagradas e a circuncisão⁴.

A circuncisão judaica (*brit-milá* em hebraico ou *bris* em ídiche) é um preceito positivo da Torá, que teria sido ordenado por Deus a todos os meninos judeus, sendo um dos mais sagrados rituais, realizando-se sem a

¹ Depois de adulto, Freud aboliu o Schlomo e abreviou Sigismund para Sigmund.

² Hoje, parte da Ucrânia.

³ Língua ou dialeto do alemão falada pelos judeus ashkenazis, a partir do século X, na Europa central e oriental, se espalhando por outras regiões com a emigração de seus praticantes.

⁴ A circuncisão (*brit-milá* em hebraico ou *bris* em ídiche) é um preceito positivo da Torá, ordenado por Deus a todos os meninos judeus, sendo um mais sagrados rituais, realizando-se sem a consciência da criança, mantido através das gerações, como sinônimo da aliança eterna entre o homem e Deus.

consciência da criança e mantido através das gerações, como sinônimo da aliança eterna entre o homem e Deus. Ela deve ser realizada no oitavo dia de nascimento do menino, é praticada desde as leis Mosaicas e está tão indelevelmente gravado na tradição religiosa, que nenhum adiamento é permitido, nem mesmo se a data coincidir com o *Shabat*⁵ ou com o *Iom Kipur*⁶, consideradas datas sagradas, somente sendo possível a sua postergação, caso a saúde da criança assim exija.

O Judaísmo considera o rito da circuncisão um símbolo exterior que liga o menino à sua fé e, diferentemente de outras cerimônias, tão comuns na antiguidade, em que se exigia o sacrifício de animais ou um ato de bravura, ela deixa uma marca no corpo do indivíduo. A circuncisão não é o sacramento que introduz o menino no Judaísmo; essa entrada é operada pelo simples nascimento de ventre de mãe judia, mas ela confirma a condição da criança e representa um emblema de sua lealdade à fé israelita⁷, o pacto perpétuo entre Deus e seu povo – Freud foi circuncidado⁸ e a data foi registrada, em língua hebraica, na Bíblia da família, assim como o seu nascimento⁹.

⁵Shabat é o nome dado ao dia de descanso do judaísmo, simbolizando o sétimo dia, conforme o livro *Gênesis*.

⁶ Dia do Perdão.

⁷De acordo com o Evangelho de Lucas, Jesus teria sido circuncidado oito dias após o seu nascimento (tradicionalmente em 1ª de janeiro). A circuncisão, entretanto, ganha um significado diferente nas cartas de Paulo, onde ele introduz o conceito de “*circuncisão do coração*”, que significa uma conversão genuína, baseada na fé e na obediência a Jesus Cristo.

⁸O termo circuncisão deriva da junção de duas palavras latinas, *circum* e *cisióne*, e significa literalmente “cortar ao redor”.

Nenhum outro costume, hábito ou ritual tem atravessado tantas eras e vencido tantas perseguições. A circuncisão seja na paz ou na guerra, tem sobrevivido até os dias de hoje. Um terço dos garotos americanos passa pela cirurgia ainda na maternidade, seja por tradição religiosa (muçulmanos e judeus) ou supostos benefícios médicos¹⁰.

A circuncisão é cientificamente chamada de postectomia¹¹ e consiste na retirada do prepúcio (pele que recobre a extremidade do pênis conhecida como glândula). Alguns estudiosos justificam a intervenção cirúrgica como sendo medida que diminuiria drasticamente o risco de infecção por doenças sexualmente transmissíveis, mas há opiniões divergentes que sugerem ser o procedimento traumático e gerador de vários problemas

⁹ Em resposta a A A Roback, ídiche americano que lhe enviou um de seus livros com uma dedicatória em hebraico, Freud respondeu: “Pode interessar-lhe saber que meu pai veio de um ambiente hassídico. Ele tinha 41 anos quando eu nasci e estivera afastado de seu ambiente natural por quase vinte anos. Minha educação foi tão pouco hebraica que hoje nem sequer consigo compreender sua dedicatória, evidentemente escrita em hebraico. Depois de adulto, frequentemente lamentei essa deficiência em minha educação”.

¹⁰ Antônio Carlos Farjani em sua obra “Édipo Claudicante – do Mito ao Complexo” menciona que há teorias que justificam a circuncisão como um sacrifício da parte para assegurar o bem-estar do todo. A idéia implícita é a de que, ao se sacrificar uma parte do indivíduo, representada pelo prepúcio, lograr-se-á salvar sua vida, evitando-se assim perdê-lo para a divindade; é o mesmo espírito que rege o costume de se oferecerem as primícias dentre todas as coisas que o homem produz, encontrado no Antigo Testamento.

¹¹ A taxa de homens circuncidados no mundo ocidental varia muito de país para país. Na Europa esta taxa varia entre 4 e 10%. Já em países como a Austrália e Canadá este índice pode chegar aos 40%. Nos Estados Unidos, 80% dos homens já passaram por este tipo de cirurgia.

psíquicos ao longo da vida, como raiva, vergonha, desconfiança e mágoa, além de ansiedades sexuais, redução da expressão emocional e angústia.

Moisés Tractenberg, psicanalista gaúcho, foi um dos que se debruçou sobre o tema, por ocasião da elaboração de sua obra *A Psicanálise da Circuncisão*. Em seu trabalho defendeu que a retirada do prepúcio somente se justificaria em casos de estrita indicação médica, eis que o procedimento provocaria um trauma precoce: o menino circuncidado vivenciaria, na vida prática, a angústia da castração, além de ela se constituir em repetição da situação traumática do nascimento.

Freud, ao tratar desse tema, assinalava que a circuncisão seria mais um traço de conjunção entre a religião judaica e a egípcia. Moisés não teria apenas apresentado uma nova religião aos judeus, mas teria introduzido o costume da circuncisão, prática comum entre egípcios, concluindo Freud, de maneira bastante polêmica, que Moisés seria egípcio, e, nesse caso, a religião mosaica teria sido, muito provavelmente uma religião egípcia.

Moisés, segundo o pai da Psicanálise, teria encontrado no povo judeu a possibilidade de fundar uma nova religião, mantendo, porém, o cerne fundamental da religião egípcia, qual seja: a crença em um deus único e todo-poderoso. Acrescentaram-se novos poderes a esse deus: ele seria enérgico, forte e dominador e à semelhança do sentimento nutrido pelos egípcios sob a égide do Faraó, os judeus passariam a compartilhar do sentimento de terem sido escolhidos e, dessa forma, ostentariam posição superior aos outros povos,

não podendo, pois, a circuncisão, parte dessa crença tão cara aos egípcios, ser abolida da nova religião¹².

Em sua obra *Mal de arquivo*, Derrida tentará interrogar o conceito de “impressão” relacionando-o ao legado de Freud¹³. Após analisar os primeiros valores, ele chega ao terceiro valor, não mais importante do que os demais, mas esse teria a vantagem de abordar, de forma explícita, aquilo que estaria em jogo na herança que recebemos de Freud.

O autor apela à noção de “circuncisão” para aludir à impressão deixada *por* Freud na história do pensamento, a partir da impressão deixada nele mesmo; a marca deixada por ele a partir da marca de sua própria *circuncisão*; a marca que se inscreverá no mundo a partir da sua história, do seu nascimento e de suas alianças. É, portanto, também, a afirmação de que a marca de Freud está irremediavelmente impressa no mundo contemporâneo¹⁴.

¹² Os judeus se constituíram como o povo escolhido, os filhos preferidos de Deus, reconhecidos pelo pacto da circuncisão, o povo diferente entre os demais. Não deveriam se sentir inferiores aos egípcios, nem a qualquer outro povo (Freud, 1934-39/1996b, pp. 40-43).

¹³ Esta problemática da impressão desencoraja quem quer que busque privilegiar uma perspectiva. Pois se confunde com toda a obra de Freud, quer se trate de memória, coletiva ou individual, de censura, ou de recalque, de dinâmica, de tópica ou de economia, dos sistemas ICS ou PCS, de percepção, de traço mnêmico (DERRIDA, *J. Mal de arquivo*, p. 42).

¹⁴ ‘Impressão freudiana’ quer dizer ainda uma terceira coisa que talvez seja a primeira: a impressão deixada por Sigmund Freud, a partir da impressão deixada nele, inscrita nele a partir de seu nascimento e sua aliança, a partir de sua circuncisão (...) Quero falar da impressão deixada por Freud, pelo acontecimento que leva este nome de

O termo *circuncisão*, trabalhado sob vários pontos de vista pelo pai da Psicanálise, mais especificamente em sua obra *Moisés e o monoteísmo*¹⁵, indicaria o substituto simbólico da castração do filho pelo pai primitivo. Em seus escritos, Freud a relaciona à marca indelével, que recordaria para sempre a castração temida. Derrida retoma este termo privilegiando a leitura freudiana da circuncisão como a impressão inquietante e sinistra deixada sobre os circuncidados, a marca vinda dos outros e permanente no corpo.

Em seu livro *O Moisés de Freud*, Yosef Yerushalmi rememora a escrita da bíblia dada de presente por Jakob a seu filho, onde ele faz alusão ao

família, a impressão quase inesquecível e irrecusável, inegável (mesmo e sobretudo por aqueles que a negam) que Sigmund Freud fez sobre todo aquele que, depois dele, falar dele ou falar a ele e que deve, aceitando-o ou não, sabendo-o ou não, deixa-se, assim, marcar: em sua cultura, em sua disciplina, seja ela qual for (...) seja em que disciplina for, não podemos, não deveríamos poder, pois não temos mais os direitos nem os meios, pretender falar disso sem termos sido de antemão marcados, de uma maneira ou de outra, por esta impressão freudiana (DERRIDA, *J. Mal de arquivo*, p. 45).

¹⁵ Sob a mira do nazismo e assolado pelo pânico de que a severa atmosfera católica de Viena pudesse acirrar resistências contra a psicanálise, Freud deixou *Moisés e o Monoteísmo* na gaveta por quatro longos anos. Além dessas resistências externas, algumas “resistências internas” contribuíam para a quarentena deste texto que traz a marca da ligação entre a história do autor e a história da psicanálise. Logo no início, o autor confessa que, apesar de pertencer ao povo judeu, fato que torna sua tarefa mais difícil ainda, contestará a origem do homem que este povo celebra como o maior de seus filhos. (FUKS, Beth Bernardo. O Pensamento Freudiano sobre a Intolerância *in* <http://www.scielo.br/pdf/pc/v19n1/05.pdf>).

momento de sua circuncisão¹⁶. Derrida, ao analisar a obra de Yerushalmi, reenvia Freud ao momento da sua circuncisão, onde teria ele selado a sua aliança com o mundo judaico em um ritual de força, com clara “dissimetria comunitária”, onde o “nós” da aliança impõe a lei ao circuncidado, que sequer pode responder, assinar ou endossar o rito.”¹⁷

Por óbvio que a circuncisão não é uma castração real. Ela não impede ao ser humano procriar, gozar e crescer, mas alguns autores a identificam como uma castração simbólica, consubstanciada na imposição da lei ao menino para que ele se separe de sua mãe, rompa, de vez, com a simbiose e adira à lei, “se conformando” com a proibição do incesto e da isogamia.¹⁸

No Antigo Testamento, a passagem que descreve o sacrifício do filho de Abraão faz com que *Groddeck* relacione o desejo inconsciente de matar o filho primogênito, provável rival do amor da mãe, à simbolização da castração como morte do filho¹⁹ e sua posterior substituição pela circuncisão.²⁰

¹⁶ Consta da Bíblia da família Freud: “Meu filho Shlomo Sigmund nasceu na terça-feira, no primeiro dia do mês de Iar 616 às 6h 30 da tarde. Ingressou na comunidade judaica na terça-feira, oitavo dia do mês de Iar. O moel (aquele que circuncida a criança) era Herr Samsom Frankl de Ostrau, os padrinhos eram Herr Lippa Hoeowitz e sua irmã Mirl, filhos do rabino de Czernowitz. O Sandykat (tarefa de segurar a criança durante a circuncisão) foi feito por Herr Samueli em Freiberg na Morávia).

¹⁷ DERRIDA, J. *Mal de arquivo*, p. 58.

¹⁸ TRACTENBERG, Moisés – “Psicanálise da circuncisão” – Editora Civilização Brasileira S.A. – Rio de Janeiro, 1977.

¹⁹ De qualquer forma, não podemos deixar de considerar a circuncisão como uma modalidade atenuada da castração, que sobreveio como abrandamento de práticas

Em *Leonardo da Vinci e Uma Lembrança de sua Infância*, Freud associa a circuncisão à castração, assinalando: “Se nos aventurarmos a levar nossas hipóteses até a época primitiva da humanidade, poderemos concluir que antigamente a circuncisão deve ter sido um substitutivo mais atenuado da castração”. Por ocasião da transposição para o papel do caso do Pequeno Hans, Freud insiste em demonstrar que a vivência sinistra diante da circuncisão é homóloga à impressão inquietante causada pelo sexo da mulher, pois ambas provocariam um horror determinado: o horror à castração e seus efeitos persistiriam em sua eficácia até mesmo na vida adulta, funcionando à moda de “recordação residual filogenética”.

Em *Moisés e o Monoteísmo*, Freud retoma o assunto e o aprofunda para entender que entre os costumes pelos quais os judeus se tornam separados, o da circuncisão causaria impressão mais desagradável e sinistra, que deve ser explicada indubitavelmente, por ela relembrar a temida castração e, juntamente com ela uma parte do passado primevo que fora alegremente esquecida²¹. Acrescenta ele que a intolerância à mulher e ao judeu ocuparia

agressivas muito mais cruéis, incluindo sobretudo a matança do primogênito. Pode-se aceitar que substitui a matança do primogênito e a real castração primitiva, na medida em que se consolidarem as tendências amorosas e conservadoras dos pais” RASCOVSKY, A. *O Filicídio*. Rio de Janeiro, Editora Artenova, 1974 in FARJANI, Antonio Carlos. *Édipo claudicante: do mito ao complexo*. São Paulo: Edicon, 1987.

²⁰ AVILA, Lazio Antonio. *Isso é Groddeck*. EdUSP, 1998.

²¹ Na décima *Conferência Introdutória Sobre Psicanálise (Simbolismo nos Sonhos)*, Freud assinala: “Parece-me inequívoco que a circuncisão, praticada por tantos povos, é um equivalente e substituto da castração. E agora sabemos de determinadas tribos primitivas da Austrália que realizam a circuncisão como um rito da puberdade (na cerimônia em que se celebra o início da maturidade sexual de um menino), enquanto outras tribos, seus vizinhos próximos, substituíram esse ato pela quebra de um dente”.

um lugar especial no pensamento psicanalítico, pois haveria uma semelhança entre a impressão inquietante causada pelo sexo da mulher e a vivência sinistra do homem diante da circuncisão - ambas provocariam um horror determinado, o horror à castração²².

Freud conclui que, quando se fala em horror à castração, está se falando sobre a angústia que a diferença causa. É esta angústia que ele afirma ser a raiz comum entre o antifeminismo e o antissemitismo, já que ela destacaria a ausência ou a privação e despertaria o estranhamento - diante dela, o incircunciso se depararia com a falência do ideal de uma virilidade sem nenhuma perda²³.

Para o psicanalista francês Jacques Lacan, os ritos de iniciação, tanto em homens quanto em mulheres, poderiam servir para promover e simbolizar a adaptação total aos papéis prescritos pela sociedade e os

²² Desde o final do século XIX, a imagem do pênis circunciso, considerado como alterado, danificado ou incompleto, esteve no centro da definição de judeu. Fantasias giravam em torno da idéia de que a circuncisão era um processo de feminização do varão judeu, deixando seu órgão sexual degenerado e altamente comprometido com as doenças sexualmente transmissíveis. Mas este pânico da feminização que atingia a cultura européia recaía, também, sobre uma outra figura de alteridade, a feminilidade. Em *Mein Kampf*, o horror à feminização tornou-se a retórica do programa político: “a mulher introduz o pecado no mundo, sendo, então, a principal causa da poluição do sangue nórdico”, escreveu Hitler . (FUKS, Beth Bernardo. O Pensamento Freudiano sobre a Intolerância *in* <http://www.scielo.br/pdf/pc/v19n1/05.pdf>).

²³ FUKS, Beth Bernardo. O Pensamento Freudiano sobre a Intolerância *in* <http://www.scielo.br/pdf/pc/v19n1/05.pdf>

segredos que rodeiam esses rituais serviriam para dissimular o fato de que o fim almejado por eles, não chegaria a ser alcançado.

No Seminário “O Desejo e sua Interpretação”, ele avança no estudo do complexo de castração, onde situa a mutilação como seu objeto – ela teria o papel de definir o acesso do sujeito a um nível superior de realização de si mesmo. Para que isso possa funcionar, é necessário que o sujeito se separe de uma parte de si mesmo e essa mutilação deixaria uma marca, que instauraria a passagem a uma função significativa.

Na circuncisão é o falo que fica marcado e elevado à função de significativo e a partir disso o sujeito se perceberia entre os intervalos significantes - se não há cortes, não haveria nada no plano imaginário que permitisse simbolizá-lo, razão pela qual seria necessária a capacidade de o sujeito se separar de alguma parte de si mesmo²⁴.

A prática da circuncisão tem sido observada e passada, de modo transgeracional, sem maiores questionamentos acerca dos suas implicações psíquicas. Parece haver, de fato, estreita relação entre circuncisão, culpa e punição, ressaltando-se que em seu nascedouro, não estavam presentes as justificativas médicas da contemporaneidade para a sua prática. Para muitos pensadores da Psicanálise, incluindo Freud, a circuncisão se apresentaria como um substitutivo atenuado da castração, sendo certo que esse ritual milenar, em tese, poderia intensificar a chamada ansiedade de castração tão

²⁴ QUAGLIA, Cristina. Ritos de Iniciação e Saber no Real *in* <http://www.escolaletrafreudiana.com.br/UserFiles/110/File/artigos/letra23/022.pdf>.

presente na estruturação psíquica dos seres humano, merecendo, por isso mesmo, um olhar mais atento do campo psicanalítico.

BIBLIOGRAFIA

AVILA, Lazio Antonio. Isso é Groddeck. EdUSP, 1998.

DERRIDA, Jacques. Mal de arquivo: uma impressão freudiana. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FARJANI, Antonio Carlos. Édipo claudicante: do mito ao complexo. São Paulo: Edicon, 1987.

FREUD, Sigmund (1913). Totem e tabu. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 13).

_____. (1939). Moisés e o monoteísmo. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FUKS, Betty B. Freud e a judeidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

YERUSHALMI, Yosef Hayim. O Moisés de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

FUKS, Beth B. O Pensamento Freudiano sobre a Intolerância *in* <http://www.scielo.br/pdf/pc/v19n1/05.pdf>

QUAGLIA, Cristina. Ritos de Iniciação e Saber no Real *in* <http://www.escolaletrafreudiana.com.br/UserFiles/110/File/artigos/letra23/022.pdf>
f.

TRACTENBERG, Moisés – “Psicanálise da circuncisão” – Editora Civilização Brasileira S.A. – Rio de Janeiro, 1977.